



RACISMO NA OBRA DE MONTEIRO LOBATO

RACISMO EN LA OBRA DE MONTEIRO LOBATO

THE RACISM IN THE WORK OF MONTEIRO LOBATO

Eduardo Jablonski¹

RESUMO

No Brasil, criou-se a Lei 12.735, de 2012, que garante a punição a pessoas que fizerem ofensas racistas contra os negros, e isso se deve a uma longa dívida social que a nação tem para com eles, visto que foram escravizados entre 1535 e 1888, e perto de 49 milhões de pessoas perderam suas vidas. Apesar disso, Monteiro Lobato publicou um romance de ficção científica em 1926, tão somente com o objetivo de encontrar soluções para o extermínio da raça negra. O presente ensaio visa analisar como escritor de Taubaté fez isso no romance *O Presidente Negro*. Para tanto, estudou-se a história da escravidão em autores como Abdias do Nascimento, Sandra Jatahy Pesavento e Joaquim Nabuco.

Palavras-chave: Escravidão. Negritude. Racismo.

RESUMEN

En Brasil, se creó la Ley 12.735 de 2012, que garantiza el castigo de las personas que cometan delitos racistas contra los negros, y esto se debe a una larga deuda social que la nación les debe, ya que fueron esclavizados entre 1535 y 1888, y cerca de 4,9 millones de personas perdieron la vida. A pesar de ello, Monteiro Lobato publicó una novela de ciencia ficción en 1926, únicamente con el objetivo de encontrar soluciones para el exterminio de la raza negra. Este ensayo tiene como objetivo analizar cómo lo hizo el escritor Taubaté en la novela *O Presidente Negro*. Por tanto, se estudió la historia de la esclavitud en autores como Abdias do Nascimento, Sandra Jatahy Pesavento y Joaquim Nabuco.

PALABRAS-CLAVE: Esclavitud. Negritude. Racismo.

¹ Mestre em Literatura Brasileira pela UFRGS, Governo do Estado do Rio Grande do Sul e Prefeitura de Santo Antônio da Patrulha

ABSTRACT

In Brazil, Law 12,735, of 2012, was created, which guarantees the punishment of people who commit racist offenses against blacks, and this is due to a long social debt that the nation owes them, since they were enslaved between 1535 and 1888, and close to 49 million people lost their lives. Despite this, Monteiro Lobato published a science fiction novel in 1926, solely with the aim of finding solutions for the extermination of the black race. This essay aims to analyze how the Taubaté writer did this in the novel *O Presidente Negro*. Therefore, the history of slavery was studied in authors such as Abdias do Nascimento, Sandra Jatahy Pesavento and Joaquim Nabuco.

KEYWORDS: Slavery. Blackness. School.

Introdução

A Lei 12.735, de 2012, já no seu artigo primeiro, diz que “serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”. É um crime inafiançável e proporciona a seu praticante reclusão de dois a cinco anos. E se trata de um crime inafiançável, porque se relaciona com uma dívida social que a nação tem para com os negros.

Por volta de 1535, começaram a chegar os primeiros navios negreiros na costa do Nordeste, processo que se seguiu, com várias leis, até o dia 13 de maio de 1888, com a Lei Áurea. Os estudiosos divergem nos números, mas alguns estimam que foram trazidos ao Brasil em torno de 4,9 milhões de negros. Eles viviam nas mais precárias condições, tanto que, em média, a maioria sobrevivia cerca de sete anos, devido aos espancamentos, às mutilações e aos trabalhos forçados. Segundo Sandra Pesavento (1989), não havia um negro escravo que não tivesse alguma parte do corpo decepada pelo senhor.

Porém esses problemas não pararam com a escravidão. Após 1888, muito se fez para prejudicar os negros no país. Na primeira metade do século XIX, começaram a vir imigrantes, apenas com o intuito de embranquecer a população, conforme Joaquim Nabuco (2000). Quando a escravidão terminou, e os negros deveriam passar a ser trabalhadores assalariados, isso não aconteceu nem nos primeiros quatro anos depois da Abolição, nem depois. Joaquim Nabuco (2000) revelou o fato de que os negros ainda tiveram de trabalhar outros quatro anos para pagar por sua liberdade e amenizar as perdas monetárias do senhor. Quando os negros puderam efetivamente ficar livres, poucas empresas do século XIX lhes concederam uma colocação, e as escolas da

República Velha também não aceitaram os negros. Sandra Pesavento (1989) informou sobre um caso no interior do RS em que a professora até aceitou um negro na sua pequena escola multisseriada, porém as mães de todas as crianças brancas tiraram os filhos de lá, e a docente recuou e impediu a matrícula do negro.

Ou seja, é por tudo isso que a lei 12.735 é inafiançável e proporciona reclusão de dois a cinco anos a crimes de racismo. Mas houve um escritor consagrado na literatura nacional que nunca se preocupou em não fazer comentários racistas na sua produção. Trata-se de Monteiro Lobato, que sempre fazia comentários desabonadores acerca da cor da pele dos negros.

Mas também é relevante salientar que se trata do contexto histórico da época, uma vez que grande parte dos autores de então falavam da raça como se fosse algo fundamental para se entender a literatura e as questões de relacionamento social. O historiador da literatura Sílvio Romero (2014), por exemplo, é um deles e cita uma grande quantidade de autores que abordaram a questão, como Araripe Júnior, José Veríssimo, ele próprio e vários outros. Euclides da Cunha (1984), em *Os Sertões*, publicado originalmente em 1902, dividiu sua obra em três partes: “O Homem”, “A Terra” e “A Luta”. Em “O Homem”, gastou mais de cem páginas somente falando de questões raciais. Portanto, falar do negro de maneira pejorativa e como se isso fosse fundamental para entender o comportamento das pessoas em sociedade era corriqueiro na época.

O finalidade deste artigo é estudar a forma como o escritor de Taubaté se referiu aos negros no romance *O Presidente Negro*, publicado originalmente em 1926. Antes de focar no romance, serão revisados alguns estudos sobre a escravidão no Brasil.

Revisão da literatura

Abdias do Nascimento diz que o maior escândalo da sociedade brasileira teria sido o da escravidão dos negros africanos (1978, p. 48). Se o Ocidente se espantou com o fato de um engenheiro austríaco ter escravizado sexualmente a própria filha por 24 anos no porão da sua casa (o crime se descobriu em 2008), imaginem a escravidão de 4,9 milhões de negros africanos de 1535 a 1888.

Impedir uma pessoa de ir e vir e obrigá-la ao trabalho é desumano. Ademais, como informa Sandra Pesavento (1989), absolutamente todos os escravos tinham

alguma parte do corpo decepada, visto que sofriam maus tratos e punições por não obedecer. Portanto, a escravidão não poderia ser uma instituição benigna, muito menos de caráter humano, como ingenuamente pensavam naquela época. “Durante séculos, por mais incrível que pareça, esse duro e ignóbil sistema escravocrata desfrutou a fama, sobretudo no estrangeiro, de ser uma instituição benigna, de caráter humano” (NASCIMENTO, 1978, p. 48).

Abdias do Nascimento cita Richard Wright, para quem os colonizadores americanos teriam escravizado e matado em torno de 100 milhões de africanos. Seria muita ingenuidade acreditar o contrário, que os senhores de escravos fossem “bonzinhos” com os negros, dos quais eles tiravam a vida e a felicidade para trabalharem em prol do enriquecimento ilícito do fazendeiro.

Proprietários e mercadores de escravos no Brasil, a despeito das várias alegações em contrário, em realidade submeteram seus escravos africanos ao tratamento mais cruel que se possa imaginar. Deformações físicas resultantes de excesso de trabalho pesado; aleijões corporais consequentes de punições e torturas, às vezes de efeito mortal para o escravo- eis algumas das características básicas da “benevolência” brasileira para com a gente africana. (NASCIMENTO, 1978, p. 57)

Joaquim Nabuco (2000) falou que a Igreja Católica defendia a escravidão e não haveria nenhum problema em escravizá-los, porque os negros não eram gente. “Em verdade, o papel exercido pela igreja católica tem sido aquele de principal ideólogo e pedra angular para a instituição da escravidão em toda sua brutalidade” (NASCIMENTO, 1978, p. 52). É mais ou menos o que deveria pensar Monteiro Lobato, que passou a vida escrevendo com o propósito de entreter as crianças, mas sempre afetando a imagem da população negra, como se fosse um militante em prol da causa branca ou um integrante fiel da Ku Klux Klan, pois defendia a negação de quaisquer direitos aos negros.

O Cristianismo deveria defender os perseguidos, os pobres, os humilhados, mas na prática isso não aconteceu. A Igreja não defendeu os negros. “Cristianismo, em qualquer das suas formas, não constituiu outra coisa que aceitação, justificação e elogio da instituição escravocrata, com toda sua inerente brutalidade e desumanização dos africanos.” (NASCIMENTO, 1978, p. 53) Abdias do Nascimento traz várias citações de oradores sacros, entre os quais Antônio Vieira, que incentivaram a submissão dos negros aos senhores e a manutenção do status quo da época. “O racismo óbvio implícito e explícito no conceito dessas águas místicas que tornariam o africano num branco-

européu, estado considerado pela igreja como limpo e patentemente superior ao negro-africano.” (NASCIMENTO, 1978, p. 53) Mais que isso, o pesquisador garante que a Igreja Católica via o negro como um ser de “sangue infectado”, como se tivesse uma doença somente por causa da cor da pele (1978, p. 70).

A costa brasileira ficava próxima da africana. E essa é uma das razões pelas quais os negros escravos eram trocados com facilidade e não foram tratados com respeito ou humanidade, ao contrário do que sugeriu Gilberto Freire (2003). “Tão barato se conseguiam escravos que mais fácil e econômico era substituí-los do que cuidá-los e alimentá-los por outros quando Imprestáveis” (NASCIMENTO, 1978, p. 58). Abdias do Nascimento garante haver elevada taxa de mortalidade infantil entre os escravos: 88%. Os senhores não perdiam tempo nem dinheiro nos cuidados com seus cativos (NASCIMENTO, 1978, p. 58). Dizem os historiadores que, após sete anos de trabalhos de sol a sol, um escravo estava imprestável. E era nesse momento que seus senhores davam a liberdade, sem prestar nenhuma espécie de ajuda ou auxílio. Abdias do Nascimento considera tal ação como “assassinato coletivo” (1978, p. 65).

O estudioso lamenta o fato de a sociedade brasileira sempre ter lidado com o negro como se fosse um ser de segunda classe (1978, p. 66). Na obra de Monteiro Lobato, principalmente em *O Presidente Negro*, a impressão que um leitor poderia ter é que o negro não é um ser de segunda classe, mas um elemento desprezível que deveria ser extirpado de uma vez, tanto é fato que duas personagens, Ayrton e Jane, desenvolvem longas conversas no sentido de discutir soluções para o extermínio do negro. E o próprio Abdias do Nascimento menciona o autor de literatura infanto-juvenil e seu profundo racismo.

Abdias do Nascimento coleta uma fala do crítico literário José Veríssimo, para quem a mistura de raças eliminaria o negro do território nacional (1978, p. 70). O estranho é que o ensaísta era amigo de Machado de Assis, a quem defendeu em inúmeras oportunidades, visto que o Bruxo do Cosme Velho fora atacado por Sílvio Romero, e Machado era mulato.

O Presidente Negro

Em *O Presidente Negro*, publicado em 1926, Monteiro Lobato defende a superioridade da raça ariana, como se fosse um Hitler: “Onde a força vital da raça branca, se não lá?” (LOBATO, 1979, p. 68) Esse lá seriam os Estados Unidos. O autor, por intermédio da personagem Jane, defende o vigor da raça branca. O narrador e Jane conversam acerca da formação do povo americano e dizem que trazer o negro foi o único erro do povo norte-americano:

Entrou ainda, á força, arrancado da África, o negro.

— Lá ia chegar. Entrou o negro e foi esse o único erro inicial cometido naquela feliz composição.

— Erro impossível de ser corrigido, aventurei. (LOBATO, 1979, p. 70)

A seguir, o narrador trabalha com outro ponto de vista, chamando a atenção para uma ideia que pudesse erradicar o mal da sociedade: a existência do negro. Mas Jane afirma que a mistura de raças apresentou outro problema:

A nossa solução foi admirável. Dentro de cem ou duzentos anos terá desaparecido por completo o nosso negro em virtude de cruzamentos sucessivos com o branco. Não acha que fomos felicíssimos na nossa solução? Miss Jane sorriu de novo com o meigo e enigmático sorriso do professor Benson.

— Não acho, disse ela. A nossa solução foi medíocre. Estragou as duas raças, fundindo-as. O negro perdeu as suas admiráveis qualidades físicas de selvagem e o branco sofreu a inevitável piora de caráter. (LOBATO, 1979, p. 70).

A personagem Jane cria paradoxos e falácias dignas dos sofistas da Antiga Grécia: “— Esse ódio, ou melhor, esse orgulho (...) foi o criador do mais belo fenômeno da eclosão étnica que vi em meus cortes do futuro” (LOBATO, 1979, p. 71). Está querendo dizer que o ódio racial contra os negros nos Estados Unidos, na verdade, é o orgulho de ser da raça branca.

Anos atrás, a Universidade Federal de Rio Grande (FURG) organizou uma especialização sobre língua e literatura. Em certa cadeira, foi feito um questionário sobre Monteiro Lobato e se perguntou se o criador do Sítio do Picapau Amarelo ainda

poderia ser lido pelas crianças neste século. Um dos pós-graduandos disse não e justificou com uma série de pelo menos 20 comentários preconceituosos do autor no livro *Memórias de Emília*. A tutora da cadeira lhe deu nota baixa e disse que um clássico não poderia ser questionado. E o professor da cadeira afirmou que o aluno não tinha fundamentação para defender o banimento de Monteiro Lobato do cânone da literatura nacional, apesar de ter mostrado as citações racistas.

Voltando a *O Presidente Negro*, o narrador Ayrton está deslumbrado com a beleza de Jane, como os homens geralmente ficam na presença de uma linda mulher, e parece aceitar qualquer ideia que a moça diga, apenas porque nutre interesses escusos. Essa é a provável explicação para os diálogos que se desenrolam entre Ayrton e Jane, defendendo a importância de ser racista e de odiar os negros.

Como o pai de Jane inventara uma espécie de máquina do tempo, ela garante ter descoberto a solução para o caso dos negros nos Estados Unidos no ano 2228. Ayrton, que compartilhava das mesmas ideias racistas da moça, igual a todos ou quase todos os personagens de Monteiro Lobato, levanta três hipóteses: massacre dos negros, expulsão deles ou divisão em duas partes, a negra e a branca:

Em 2228, e a solução...

— Já sei qual será! exclamei muito lampeiro. Um massacre em massa, uma chacina horrorosa!...

— Nada disso.

— Expulsam os negros de lá, então! adverti apressadamente, na minha ânsia de adivinhar.

— Nada, nada disso.

Parei atrapalhado, mas num clarão apresentou-se-me a terceira hipótese.

— Dividem o país em duas partes, a negra e a branca! (LOBATO, 1979, p. 72)

Seguindo com o desprezo à população negra dos Estados Unidos, o personagem Ayrton diz: “Acho que a população negra da América é muito pequena em relação à branca para que possa jamais constituir perigo” (LOBATO, 1979, p. 74). O narrador fala como se o simples fato de existirem negros - em pequena ou grande quantidade - pudesse causar qualquer espécie de transtornos aos brancos. Numa sociedade fraterna e

de comportamento moral adequado (o que nunca existiu), não haveria conflito de classes, mas na visão de um racista, sim.

Jane comenta que o problema do negro foi suavizado com as levas de imigrantes brancos europeus: “Enquanto a corrente imigratória europeia trazia ondas e mais ondas de brancos a somarem-se aos já estabelecidos no país, nada alarmava, nem deixava vislumbrar um futuro agravamento da situação” (LOBATO, 1979, p. 74).

Os considerados “inteligentes” da sociedade americana concluíram que deveriam impedir que os negros tivessem filhos, para tentar extinguir a raça africana. “As elites pensantes convenceram-se de que a restrição da natalidade se impunha por mil e uma razões” (LOBATO, 1979, p. 75).

Os personagens falam em “surto negro” (LOBATO, 1979, p. 75) nos Estados Unidos, como se a existência de descendentes africanos fosse uma praga, uma epidemia, uma doença que estivesse prejudicando a grande nação do norte.

A seguir, o diálogo entre Jane e Ayrton se expande e fala da situação como o principal obstáculo da sociedade do futuro:

A proporção do negro puro relativa ao branco subiu a um quinto, a um quarto, a um terço, e por fim chegou á metade... Quer dizer que o binômio racial, desprezado na era do crescimento migratório e descurado no início do regime seletivo, passou a entrar na fase aguda do "resolve-me ou devoro-te (LOBATO, 1979, p. 77).

Para o narrador, o problema da sociedade do futuro não seria uma possível terceira guerra mundial, a fome, a violência, o consumo desenfreado, o analfabetismo. No seu entender, o problema era a simples existência do negro e o sua ascensão populacional. Em alguns momentos, a narrativa se assemelha aos diálogos filosóficos da época de Platão (1994), que buscavam solucionar algum tema, e seria como eliminar o negro.

A personagem Jane afirma que foi um erro a mistura de raças (LOBATO, 1979, p. 78). Pelo visto, o autor se vê superior a todas as pessoas pelo simples fato de a cor da sua pele ser branca. Mas lhe falta estudo sobre a formação das raças. Por exemplo, seu sobrenome “Lobato” se originou da língua espanhola e chegou a Portugal, segundo o Dicionário Online de Nomes Próprios, por meio de um membro da nobreza castelhana, chamado Vasco Lobato. E os espanhóis são uma miscelânea de raças, tanto que falam várias línguas diferentes, como o castelhano (espanhol oficial), o catalão, o galego, o basco, o aragonês e o asturo-leonês. Seu povo tem várias origens étnicas, uma enorme

mistura de raças, devido a sua longa história de invasões, conflitos diversos e migrações. Talvez existam descendentes de mais de uma centena de países na Espanha. Em resumo, Monteiro Lobato não sabia, até porque não deve ter tido grande conhecimento de história, que não existe uma raça pura. Sempre houve influências de outros povos e línguas. Portanto, não poderia ter sido um erro misturar as raças, como a personagem salientou, porque sempre houve e haverá essa mescla, e o próprio autor é fruto dessa miscigenação.

Ainda que seja um escritor de molde sóbrio e clássico - um autor que não aceitava inovações, tanto que escreveu, em 1917, um violento artigo de imprensa chamado “Paranoia ou mistificação”, contra uma exposição inovadora de arte moderna, chegou a debochar dos negros: “Esbranquiçado — um pouco desse tom duvidoso das mulatas de hoje que borram a cara de creme e pó de arroz... / — Barata descascada, sei” (LOBATO, 1979, p. 81).

Cada trecho do livro mostra o ódio do autor contra o negro:

Mas nem eliminando com os recursos da ciência o característico essencial da raça deixavam os negros de ser negros na América. Antes agravavam a sua situação social, porque os brancos, orgulhosos da pureza étnica e do privilégio da cor branca ingênita, não lhes podiam perdoar aquela camuflagem da despigmentação (LOBATO, 1979, p. 81).

Havia até a Lei Owen com o fim de “fazer cair o índice de crescimento negro” (LOBATO, 1979, p. 88). A narrativa traz uma enorme quantidade de ideias para destruir com a raça negra. “O Presidente Kerlog teve palavras de fazer refletir os ouvintes. — O nosso predomínio vejo-o ameaçado, se não de ruína, pelo menos de fundas transformações. Avoluma-se a onda negra” (LOBATO, 1979, p. 88).

O líder negro, Jim Roy, se organiza para disputar as eleições como candidato dos negros, pois “viu dois séculos de chicote a lacerar carne e outros dois séculos de lágrimas, de gemidos e lamentosos uivos de dor (...) O sócio branco negava ao sócio negro a participação de lucros morais na obra comum. Negava a igualdade e negava a fraternidade” (LOBATO, 1979, p. 108).

O líder negro pensou consigo: “ — Hei de fazer-me força e impor a justiça” (LOBATO, 1979, p. 108). O negro Jim Roy venceu as eleições americanas com 56

milhões de votos, enquanto Herlog, representando os homens brancos, teve 50 milhões, e Miss Astor, candidata das mulheres brancas, fez 51 milhões.

O preconceito era tanto, que os negros passaram por um processo de embranquecimento da pele, como futuramente Michael Jackson faria, mas os cabelos ainda continuavam os mesmos. Porém os demais americanos pensavam: “Ou expatriamos os negros já, ou dentro de meio século seremos forçados a aceitar a solução negra, asfixiados que estaremos pela maré montante do pigmento” (LOBATO, 1979, p. 105).

O Presidente Negro não tem por objetivo contar uma história. Está mais para uma tese de doutoramento, com a finalidade de defender um ponto de vista, o de encontrar soluções no sentido do aniquilamento e destruição da raça negra. Praticamente não há desenvolvimento narrativo. São longos diálogos expondo ideias de como destruir com o negro.

Depois de muitas soluções de aniquilação da raça negra, os técnicos do futuro chegaram à conclusão de que deveriam inventar fórmulas para branquear a pele do negro e alisar o cabelo dele, e estaria resolvido, como se a pele negra e o cabelo carapinha fossem crimes.

Visto que Monteiro Lobato é profundamente racista --e deixa isso bem claro não só nessa obra, como nas demais, ao longo da sua carreira de escritor-- Jim Roy, o presidente negro, quase não foi citado no livro, e o autor encontrou uma saída para a solução do “erro” de ter sido eleito pelo povo americano: “Às primeiras horas da manhã, o rádio encheu a América de uma nova sensacional: Jim Roy amanhecera morto em seu gabinete de trabalho!” (LOBATO, 1979, p. 167) O eu narrativo nem esconde a satisfação com a morte do político negro, uma vez que usa a palavra “sensacional”. E o falecimento aconteceu no dia da sua posse. Então fizeram novas eleições, e Kerlog elegeu-se com cem milhões de votos. Além disso, para terminar de vez com a existência do negro, eles foram esterelizados em massa. “O problema negro da América está pois resolvido da melhor forma para a raça superior” (LOBATO, 1979, p. 168).

Últimas palavras

Não é necessário alongar na amostragem de exemplos, e há muitos nesse romance Monteiro Lobato. O acúmulo de citações iguais apenas poderia cansar o leitor. Mas o que se viu nesse estudo é que Monteiro Lobato apresenta uma visão preconceituosa e nefasta aos estudantes do ensino básico, como o fundamental e médio.

Talvez isso não seja o suficiente para se propor a censura da produção do autor. Quem censura, em geral, são os regimes de exceção, os regimes autoritários. Numa sociedade que preza pela liberdade de expressão, todos devem ter o direito de se pronunciar da forma que desejarem. Mas, no caso de defender o extermínio dos negros ou uma alternativa menos violenta de pôr uma fim na existência deles, existe lei contra isso atualmente. E, se uma pessoa pode ser presa sem direito à fiança por fazer piadas ou ofensas racistas nos dias de hoje, talvez uma literatura inteira deva ser revisada e talvez até censurada por essa razão. Os posicionamentos racistas de Monteiro Lobato não podem ser aceitos, apesar de que, na época em que o referido autor escreveu, não havia qualquer proibição legal para ideias racistas.

Referências

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. São Paulo: Três, 1984.

FREIRE, Gilberto. Casa Grande Senzala. 48.ed. São Paulo: Global 2003.

LOBATO, Monteiro. O Presidente Negro. 13.ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1979. Memórias de Emília. 15.ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1980. NABUCO, Joaquim. O abolicionismo. São Paulo: Publifolha, 2000.

NASCIMENTO, Abdias do. O genocídio do negro brasileiro, processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Emergência dos subalternos. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1989.

PLATÃO. Diálogos. São Paulo: Abril Cultural, 1994.

ROMERO, Silvio. História da literatura brasileira. São Paulo: Poeteiro, 2014.

Recebido em Agosto de 2021.

Aprovado em abril de 2022.